

Divulgação Científica em Prol da Luta Ambiental no Brasil

Um paralelo entre o Jornal da USP e a ONG Teyque'-Pe' em Piraju (São Paulo)

LUCIANO VICTOR BARROS MALULY

Universidade de São Paulo

lumaluly@usp.br

0000-0002-2630-8922

DANIEL AZEVEDO MUÑOZ

Universidad Autónoma de Madrid

danielmunoz321@gmail.com

0000-0003-1702-8061

CARLA DE OLIVEIRA TÔZO

Universidade de São Paulo

carlatozo79@gmail.com

0000-0003-0948-3224

ANDREIA TERZARIOL COUTO

Universidade Estadual de Campinas

andreiaticouto@gmail.com

0000-0002-0814-4581



questão colocada neste artigo é a reflexão sobre o papel do jornalismo científico (Bueno, 2022), em especial o ligado ao meio ambiente, bem como a relevância do jornalista nesse contexto enquanto divulgador científico. Sendo assim, o objetivo deste profissional é o de levar ao público leigo não apenas informações seguras sobre ciência, como despertar seu interesse para assuntos comumente distantes de sua realidade, especialmente em um país como o Brasil, que carece de uma maior cultura científica (Vogt, 2018, p. 17)1. Apresentamos a atuação do *Jornal da USP*2, e quais ferramentas utiliza para atingir esse objetivo, e a de uma Organização Não Governamental (ONG), que também, através de alternativas, procura divulgar à população informações relacionadas à ciência e, especificamente, ao meio ambiente. O paralelo que se faz entre as duas atuações propicia uma reflexão sobre a mudança do espaço de divulgação na atualidade. Enquanto a imprensa tradicional e institucional continua tendo um importante papel na divulgação científica, de traduzir para o público leigo os assuntos de ciência e tecnologia, já não é o único veículo a fazer isso. Como afirma Escobar (2018), a mídia concede pouco espaço para essa editoria, bem como são poucos os jornalistas especializados na área. Dessa forma, não é mais possível que a comu-

Pour citer cet article

Référence électronique

Luciano Victor Barros Maluly, Daniel Azevedo Muñoz, Carla de Oliveira Tôzo, Andreia Terzariol Couto, « Divulgação Científica em Prol da Luta Ambiental no Brasil: Um paralelo entre o Jornal da USP e a ONG Teyque'-Pe' em Piraju (São Paulo) », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - decembre 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.516>



nidade científica entregue toda a responsabilidade de divulgação à imprensa. “A comunidade científica precisa [...] começar a dialogar direta e diariamente com a sociedade” (Escobar, 2018, p. 33).

Consideramos que o *Jornal da USP* cumpre essa função, alimentando o público sobre fatos de Ciência e Tecnologia (C&T) por meio de seu veículo e fontes, que são os próprios pesquisadores/cientistas, tratando especialmente de pesquisas realizadas no âmbito da Universidade de São Paulo (USP). Mas, ainda de acordo com Escobar (2018), atualmente o cientista está menos dependente da intermediação do jornalista para fazer com a informação que deseja comunicar chegue à população. Afinal, ele pode se comunicar diretamente com o público pelos sites, blogs, vídeos, podcasts e suas próprias redes sociais. É nesse momento que consideramos o segundo modelo analisado, a ONG Teyque’-Pe’, e sua atuação direta com a população como um lugar de reflexão sobre seu papel de divulgador científico, que extrapola os canais tradicionalmente aplicados para esse fim. Assim, para discutir como o jornalismo científico e os jornalistas especializados nessa área atuam como divulgadores, são apresentadas, então, duas situações diferenciadas: o *Jornal da USP* e a ONG Teyque’-Pe’.

Considera-se também que o próprio conceito de divulgação científica tem sido abordado sob diferentes pontos de vista, entre variados profissionais e dentro de uma diversidade de perspectivas teóricas e filosóficas. Além disso, os últimos acontecimentos históricos, como o agravamento da crise climática, a expansão da ideologia antivacina e a pandemia de Covid-19, retomaram ainda mais as discussões sobre sua importância.

Manuel Calvo Hernando, no texto *La difusión del conocimiento al público: cuestiones y perspectivas*, publicado na *Revista Comunicação & Sociedade*, em 1998, defende que o grande objetivo da divulgação científica está vinculado ao conhecimento.

[...] Em outras palavras, ajudar as pessoas a compreenderem a si mesmas e a compreender seu entorno, tanto o visível como o invisível. Esta ação exigirá um plano conjunto de centros de investigação [pesquisa], universidades e instituições educativas em geral, museus de ciência e, claro, de jornalistas, escritores, pesquisadores e professores. (Calvo Hernando, 1998, p. 44, grifo e tradução dos autores)

A divulgação científica é definida como o ato de divulgar, difundir, promover, publicar, colocar a ciência ao alcance do cidadão comum (público leigo, não especializado) ou mesmo do público acadêmico. Por público leigo, Bueno (2014, p. 6) entende a “pessoa

não especializada, o cidadão comum”. Bueno (2009, 2010) também afirma que a divulgação científica cumpre uma função primordial na sociedade: a de auxiliar na democratização, ou melhor, na ampliação do acesso ao conhecimento científico. Assim:

Em virtude do perfil do público a que a divulgação científica se destina, o seu discurso ou linguagem tem que ser, obrigatoriamente, submetido a um processo de recodificação, ou seja, pressupõe a transposição de uma linguagem especializada para outra não especializada, de modo a tornar as informações acessíveis a uma ampla audiência. (Bueno, 2014, p. 6)

Para que isso ocorra é possível fazer uso de diversas ferramentas e formatos, como as histórias em quadrinhos, palestras, feiras, exposições, museus, centros de ciência, ONGs, redes sociais e conteúdo jornalístico produzido pela grande mídia e/ou pelas universidades; ou até mesmo por meio da comunicação interpessoal, com uma boa troca de ideias.

Caberia ao divulgador, seja ele um jornalista ou não, propagar esse conhecimento, e portanto, a divulgação científica acaba servindo de elo entre os emissários (cientistas ou instituições de pesquisa) e os receptores não especializados.

Na prática, a linguagem e a forma como a divulgação científica se apresentam para a sociedade têm características particulares, principalmente quando essa divulgação é feita pela imprensa (jornalismo científico). Nesse caso, “o jornalismo incorpora novos elementos ao processo de circulação de informações científicas e tecnológicas porque estabelece instâncias adicionais de mediação.” (Bueno, 2010, p. 4).

Muitos jornalistas e pesquisadores da área defendem que a maneira mais efetiva de divulgação do conhecimento científico para a população em geral é feita pelo jornalismo (Burkett, 1990; Kovach e Rosenstiel, 2004). Sendo assim, este artigo apresenta dois caminhos alternativos para a divulgação científica no Brasil, sendo o primeiro ligado à atuação da principal universidade do país, a USP, através da prática do jornalismo científico do *Jornal da USP*; e o segundo relacionado à luta ambiental da ONG Teyque’-Pe’, com ações mais gerais e sediada na Estância Turística de Piraju, no interior paulista. São propostas distintas, mas com uma pauta em comum: a luta ambiental.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo tem uma abordagem qualitativa e parte do objetivo de observar como a divulgação científica contribui para a questão ambiental, seja por meio do

jornalismo científico ou do chamado ativismo. Para isso, selecionamos o *Jornal da USP* no sentido de compreender como é feita a cobertura ambiental no veículo e a ONG Teyque’-Pe’ para identificar quais ações têm sido colocadas em prática pela organização. A escolha desses dois objetos não foi por acaso, já que a cidade de Piraju é sede do Museu de Arqueologia Ambiental Mario Neme, que integra o Museu de Antropologia e Etnologia (MAE) da USP, e, por isso, também recebe a cobertura do *Jornal da USP*.

A principal ferramenta metodológica, para ambos os casos estudados, parte da utilização da técnica de entrevista semiestruturada (Bernal, 2010, p. 257), que auxilia na discussão sobre as ações de cada um dos agentes observados. No *Jornal da USP*, consultamos Marcia Aparecida Silva Blasques (diretora de redação do jornal e coordenadora da *Rádio USP*), Luiz Roberto Serrano (ex-Superintendente de Comunicação da USP e atual coordenador editorial do setor) e Luiza Helena Gonçalves Caires (editora de Ciências do jornal)³. Durante as conversas, questionamos: “Qual a importância de a universidade produzir seu próprio jornalismo científico?” e “Quais são as pautas que tem mais destaque?”. Antes disso, houve uma busca sistematizada pela pauta ambiental na home do veículo⁴.

Na ONG Teyque’-Pe’ foram ouvidos o sociólogo, pesquisador e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Prof. Dr. José Luiz Fernandes Cerqueira Filho, que respondeu à pergunta: “Quais as diferenças entre os *verdes* (como assim denominou os ativistas ambientais) da época em que estudou e os de agora (que estão ligados à ONG Teyque’-Pe’) na luta ambiental e cultural em Piraju?”, a jornalista e então presidente da ONG Teyque’-Pe’, Naomi Corcovia; o professor, músico e poeta Paulo Henrique Silva (Paulo Viggú); e o poeta e produtor musical Carlos Alberto Muzille; todos membros da ONG e que responderam à pergunta: “Como você descreve o seu papel como comunicador(a) e ativista ambiental e cultural ligado(a) à ONG Teyque’-Pe’?”

Por meio dessas entrevistas e do material disponibilizado, procuramos analisar a importância da divulgação científica e como ela atua em um universo distinto quando tem como base o jornalismo de luta. Para isso, utilizou-se como referencial teórico-metodológico a proposta de Dennis de Oliveira ao analisar as práticas jornalísticas em universos diferenciados. “Não se trata apenas de compartilhar experiências cotidianas, mas mediá-las pela interpretação crítica e mediadas pela perspectiva da emancipação” (Oliveira, 2017, p. 196). Nesse contexto, o nosso objetivo é o de demonstrar como a divulgação científica é também um meio comunicacional e jornalístico de conscientização e, seguindo os passos de Oliveira, revelar

exemplos que levem a uma prática emancipatória, como é o caso da pauta ambiental.

O PAPEL DO JORNALISMO CIENTÍFICO E DOS JORNALISTAS ESPECIALIZADOS NESSA EDITORIA

O jornalismo, de forma geral, caracteriza-se como um elemento fundamental para resguardar o ambiente democrático em uma sociedade, além de atuar como ponte entre os fatos e o público, traduzindo para este os assuntos das mais variadas pautas. Na atualidade, quando vivenciamos situações incomuns, como o aquecimento global e suas consequências, a recente pandemia (que, no caso do Brasil, teve o agravante de ter que lidar com um governo avesso às questões ambientais e à ciência), o papel do jornalismo e, principalmente, dos jornalistas, tem sido fundamental, não apenas para resguardar a verdade e levar à população os fatos, como para divulgar, das formas tradicionais e alternativas (*G1*, *O Globo*, *Extra*, *Estadão*, *Folha* e *UOL*, 2020)⁵, o papel da ciência em meio aos acontecimentos atuais. Mais especificamente falando, a função dos jornalistas ambientais nessa situação torna-se ainda mais necessário, pois é através de seu trabalho especializado, da busca por fontes específicas e confiáveis, que se pode cobrir as pautas ambientais de maneira segura, utilizando as ferramentas que lhe são próprias, para poder “traduzir”, para o público leigo, os acontecimentos atuais sobre o meio ambiente.

Nesse sentido, a especialização jornalística ambiental é uma ferramenta necessária para que o jornalista possa, de forma segura, transportar para suas matérias o que as fontes estão lhes confiando, além de questionar e se contrapor, se necessário, ao que o outro especialista, o cientista/pesquisador, está informando ao profissional de imprensa (Tourinho Girardi, I. M.; Beling Loose, E. e Camana, A., 2013 e 2015)⁶. É essa especialização que confere ao jornalista a postura crítica para abordar as matérias sobre o meio ambiente, confrontando o poder público quando há alguma catástrofe que poderia ser evitada caso houvesse políticas públicas efetivas para conter os danos, como nos casos de enchentes e desmoronamentos em áreas de risco que, muitas vezes, ocorrem por falta de políticas de urbanização adequadas.

Na grande imprensa, por razões mercadológicas, o jornalismo ambiental às vezes se apresenta de forma tímida, embora reconheçamos a crescente busca pela pauta ambiental. Na imprensa alternativa, vozes importantes têm se colocado para cobrir a pauta ambiental, de forma mais incisiva e crítica, como por exemplo, nos veículos: *O Eco*, *Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental*, *Ambiental Media*, *Mongabay*,

para ficar com alguns exemplos. Com o formato online, esses sites têm um alcance maior e a vantagem de não estarem atrelados à imprensa hegemônica e seus comprometimentos.

É também nesse sentido que a divulgação científica, nos seus mais diversos formatos, se torna uma importante parceira do jornalismo ambiental, auxiliando no espraiamento dos assuntos ligados ao meio ambiente, desde os mais corriqueiros e que integram diretamente o interesse da população, como a água ou a contaminação por agrotóxicos; até questões mais amplas e de uma menor assimilação do público leigo, porém com grande impacto em suas vidas, como as mudanças climáticas e seus desdobramentos.

No caso do *Jornal da USP*, o corpo de jornalistas que se volta para as pautas científicas está inserido dentro de uma instituição que preza não apenas a pauta, como pela especialização jornalística. Nesse sentido, o papel do jornalismo e dos jornalistas é fundamental para mostrar à sociedade, de forma transparente, o que ocorre dentro das paredes dos laboratórios, dos institutos de pesquisa, das pesquisas na área de humanas e como o que ali é produzido tem um retorno à sociedade. Além disso, por meio da visibilidade dessas pesquisas, o público pode entender melhor como elas podem reverter-se em benefícios à sociedade, bem como também compreender situações mais complexas que, traduzidas de forma específica na linguagem jornalística, impactam o mundo atual. Já a ONG em questão aqui apresentada, utiliza, como foi colocado no início do artigo, opções alternativas para fazer essa divulgação sobre aspectos do meio ambiente, levando assim ao engajamento maior da população, quando esta comprehende seu importante papel nesse contexto, não apenas como expectadora, mas como protagonista e defensora de um bem comum.

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO JORNAL DA USP

Durante o período da pandemia de Covid-19, mesmo que a questão já fosse alvo de atenção e preocupação por parte da comunidade científica, ocorreu a ampliação da propagação de desinformações científicas. Controvérsias ligadas à negação do aquecimento global e aos supostos malefícios das vacinas, junto à defesa de medicamentos ineficazes para o tratamento do coronavírus, o terraplanismo e outros movimentos negacionistas se mostraram nas narrativas, sobretudo nas mídias sociais.

Entre 2019-2022, esses temas ganharam ainda mais visibilidade e foram cercados de polêmicas. Na questão ambiental ocorreu um recorde de desmatamento e número de queimadas na Amazônia. De 2018 para 2019 houve um aumento de 34% (10.129 km^2) de des-

matamento na Amazônia e de 2019 para 2020 foram desmatados 11.088 km^2 . No que se refere às queimadas, foram mais de 30 mil focos de incêndio na região só em agosto de 2019, e quase 26,5% do Pantanal foi queimado em outubro de 2020 (Pivetta, 2020).

Durante o período de emergência sanitária, houve uma revalorização importante do jornalismo, tanto daquele produzido pelos meios tradicionais quanto do realizado pelas universidades. No artigo *A Universidade Calada*, publicado no Dossiê *Divulgação Científica* da revista eletrônica *ComCiência*, em 2018, o jornalista Ricardo Whiteman Muniz defendeu que o jornalismo deveria ser “a comunicação por excelência de uma universidade”.

Inclusive, no livro *Universidade e Comunicação na Edificação da Sociedade*, publicado no início dos anos 1990, a professora e pesquisadora Margarida Maria Krohling Kunsch, já defendia que:

A universidade, como centro de produção sistematizada de conhecimentos, necessita canalizar suas potencialidades no sentido de prestação de serviços à comunidade. [...] daí a importância de um sistema planejado de comunicação para difundir de forma eficiente e eficaz a sua produção científica e, com isso, abrir as suas portas a todos os segmentos da sociedade civil. (Krohling Kunsch, 1992, pp. 9-10)

A divulgação da ciência via universidades contribui para a popularização da ciência, o combate à desinformação e a ampliação do conhecimento. Esse trabalho, basicamente, pode ocorrer por meio de projetos de educação científica, ações de divulgação científica (institucionais ou de pesquisadores), atuação da assessoria de imprensa no contato com a grande imprensa e a produção do seu próprio conteúdo jornalístico.

Um bom exemplo dessa divulgação científica via jornalismo científico se vê no *Jornal da USP*, que nasceu em 1985 e passou a ser somente online em 2016, estando subordinado à Superintendência de Comunicação Social (SCS) da USP.

A estrutura de comunicação da USP é bem grande e conta com uma assessoria geral de imprensa (ligada mais diretamente à reitoria), assessorias de comunicação das próprias unidades de ensino, laboratórios, grupos de pesquisa e finalmente a SCS, responsável pela comunicação mais ampla, voltada para o público interno (todas as unidades da USP, professores, alunos e funcionários de todos os campi, visando com isso a integração do conjunto da universidade) e externo (a mídia em geral, parceiros, instituições públicas, outras universidades e a sociedade como um todo), relatando o que acontece na universidade (em

educação, pesquisa e extensão) pelos canais/ferramentais de caráter jornalístico. É sob a alçada da SCS que está a *Rádio USP*, o *Canal USP* (no YouTube), a *Revista USP* e o *Jornal da USP*.

Ao longo da sua história, o *Jornal da USP* já foi visto como *porta-voz* da reitoria, difusor de ideias e saberes produzidos pela instituição para o público docente e, posteriormente, para os corpos técnico e discente, até finalmente se tornar um produto de caráter mais jornalístico, abordando diversos temas e áreas para um público geral. Hoje, é um grande divulgador científico que apresenta as pesquisas da universidade para a sociedade e discute sobre os temas nacionais e internacionais sob o olhar da instituição e seus pesquisadores.

O *Jornal da USP* tem a função de falar para a sociedade sobre o que a universidade faz e, ao mesmo tempo, refletir sobre o que está acontecendo no mundo. Em sua homepage, encontramos reportagens e notícias, artigos e colunistas, podcasts e vídeos nas editorias de Atualidades, Ciências, Cultura, Diversidade, Institucional e Universidade, além dos programas veiculados pela *Rádio USP*. Cada uma destas editorias tem sua própria homepage e, nela, as pautas são divididas por temas e/ou subeditorias, como no caso de Ciências: Ciências Agrárias, Ciências Ambientais, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra e Ciências Humanas.

Na *Rádio USP*, além das reportagens e/ou entrevistas, destacamos o conteúdo produzido pelos colunistas. Esse material é veiculado no *Jornal da USP no Ar 1ª edição* que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 9h30 nas frequências da rádio em São Paulo e em Ribeirão Preto, com apresentação da jornalista Roxane Ré.

A pauta ambiental (Bueno, 2004 e 2007; Balbi et al., 2020)⁷ é distribuída em todo o veículo e por todos os formatos, mas a encontramos com maior facilidade nas editorias Universidade, Atualidades e Ciências. Ao fazer uma busca interna na home do jornal utilizando a palavra-chave *água*, por exemplo, há uma diversidade de pautas produzidas ao longo dos últimos anos que podem tratar a questão sob o olhar ambiental ou de saúde; estas aparecem como reportagens, nos textos/áudios dos colunistas, em vídeos e nos posts do @cienciasusp no Instagram.

Recentemente podemos citar: (1) a reportagem *Mudanças Podem Aprimorar o Monitoramento da Qualidade da Água em Rios de SP*, que traz os resultados da pesquisa de doutorado do engenheiro Ricardo Gabriel Bandeira de Almeida, desenvolvida na Escola de Engenharia de São Carlos da USP. O autor propõe a implantação de outros pontos de monitoramento em

áreas de reduzido impacto humano, para assim, poder fazer um comparativo mais consistente com os pontos já existentes (concentrados nas áreas mais populosas do Estado) e que são, muitas vezes, redundantes; (2) o boletim *Desvendando o Oceano*, produzido em parceria com o Instituto Oceanográfico da USP e transmitido na *Rádio USP*, discutindo a degradação acelerada da saúde do oceano.

Além disso, em 2021, o programa *Diálogos na USP*, apresentado pelo jornalista, editor de Cultura do *Jornal da USP* e coordenador da programação musical e cultural da *Rádio USP*, Marcello Rolemberg, trouxe os convidados Ricardo Hirata, professor do Instituto de Geociências da USP, diretor do Centro de Pesquisas de Água Subterrânea (Cepas) da USP e vice-presidente da Associação Brasileira de Águas Subterrâneas (Abas) e Wanderley da Silva Paganini, professor de saneamento básico na Faculdade de Saúde Pública da USP. O objetivo do programa era discutir a importância da conscientização sobre o uso da água. Por cerca de uma hora, os convidados debateram sobre os problemas e as soluções para a preservação desse bem natural.

Não se trata, no entanto, de uma cobertura sistematizada, no sentido de todo dia sair uma pauta sobre meio ambiente na publicação, pois a preocupação do *Jornal da USP* é cobrir o tema da ciência como um todo. O jornalista Luiz Roberto Serrano explica:

Existe esse desafio da USP de se mostrar para a sociedade, o quanto ela devolve em benefícios, seja em pesquisa, serviços, aulas, formação de cidadãos. [...] No *Jornal da USP* o carro chefe são as ciências exatas, biológicas e humanas. Temos uma amplitude que nos permite trabalhar quase todos os assuntos que interessam a sociedade, como economia, educação, psicologia, infraestrutura, Covid. Nós trazemos professores, alunos, pesquisadores e os puxamos para discutir os problemas do dia a dia. (Entrevista com L.R. Serrano, entrevistadora C. de Oliveira Tôzo, 2020)

Burkett (1990), no livro *Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*, defende que a informação sobre ciência é abundante e, por isso, escolher o que merece ser publicado é tarefa difícil para o jornalista. “Julgar bem a importância das notícias faz parte do processo de tomada de decisões do jornalista bem-sucedido. Compreender alguns dos critérios que determinam o valor noticioso irá ajudar a desenvolver o julgamento das notícias” (Burkett, 1990, p. 49).

A partir da leitura do veículo e das conversas com os profissionais já mencionados, identificamos que dentro do universo Ciências, os temas de saúde e meio

ambiente são os que têm mais publicações. Na rádio e/ou no YouTube, encontramos o tema na forma de debates e entrevistas e, no jornal e nas redes sociais (perfil [@cienciausp](#)), há um caráter mais informativo nas reportagens.

ANÁLISE DO JORNAL DA USP

Um dos diferenciais do *Jornal da USP* é a publicação diária de novos textos. Basicamente eles são apresentados na home da seguinte forma: cinco destaques principais acompanhados de uma palavra-chave que já resume o que é o texto, a imagem e o título; doze destaques divididos em três colunas com as mesmas características já mencionadas (palavra-chave, imagem e título); articulistas com a foto e nome do autor, além do título do texto (sempre são seis); artigos com imagem, título e nome dos autores; colunistas da rádio com o nome da coluna, imagem e nome do colunista, além do título e o início do texto que explica a temática em questão; chamadas para cursos, mídias sociais, podcasts e os indicadores das mais lidas (do dia, da semana e do mês).

Não caberia nesse artigo descrever toda a cobertura ambiental feita pelo *Jornal da USP*, até porque ela aparece espalhada pelo jornal, rádio, YouTube, redes sociais, nos gêneros informativos e opinativos e em diversos formatos, como já mencionado.

Além dos exemplos já citados no artigo, mencionamos também dois produtos veiculados na rádio. O primeiro, *Ambiente é o meio*, tem trinta minutos de duração e traz entrevistas com especialistas e pesquisadores da área que refletem sobre a conexão entre as questões ambientais e sociais. Ele vai ao ar toda quarta-feira, às 13h e tem reprise aos domingos, às 17h30. O segundo, é a coluna *Sustentáculos*, do professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP, José Eli da Veiga, veiculada quinzenalmente, às 8h das quintas-feiras no *Jornal da USP no Ar 1ª edição*.

No jornal são inúmeras as reportagens. Destacamos a reportagem na editoria de ciências do especial sobre os manguezais, *Recheados de “carbono azul”, manguezais ganham destaque no combate às mudanças climáticas* (Escobar, 2022), de autoria do repórter Herton Escobar e que foi produzida com financiamento externo, pela primeira vez, por meio de uma participação no edital Conexão Oceano de Comunicação Ambiental, promovido pela Fundação Grupo Boticário em parceria com a Comissão Oceanográfica Intergovernamental da Unesco. É um texto mais denso (em tamanho e em informações) com fotos, infográficos, hiperlinks e ampla multiplicidade de fontes.

Observamos que a prática do jornalismo, com os cuidados que lhe são devido, se encontra plenamente vigente também numa publicação sob a égide de uma universidade pública. Seja na rádio ou no jornal, Marcia Blasques (2020) reitera que as pautas seguem os critérios tradicionais de jornalismo de atualidade, ineditismo, importância do tema, não variando muito quando comparado a uma mídia tradicional.

É claro que a gente divulga comunicado, mas esse não é o foco do nosso trabalho. Mesmo quando a gente faz divulgação de ciência, a gente faz divulgação para um público leigo e externo e aí todas as ações que a gente faz no sentido de tentar ampliar o nosso alcance é pensando nesse público externo. (Blasques, 2020)

Há um comprometimento por parte dos profissionais que compreendem a importância de produzir conteúdo jornalístico dentro de uma universidade pública. “Eu sempre tive uma ligação muito forte com ciências, não só as humanas, mas todas as ciências e com a divulgação científica. Até por isso que eu optei por trabalhar com a produção” (Caires, 2020).

É interessante perceber que o material produzido pelo jornal muitas vezes busca até um maior cuidado e profundidade que a média. É preciso reconhecer que quando o jornalista busca a contextualização do assunto, as razões e consequências, há uma transmissão mais esclarecedora do fato, o que só traz ganhos ao público. No entanto, essa calma identificada no jornalismo científico produzido nas universidades públicas, infelizmente, é impensável nos dias de hoje na grande imprensa, mesmo em veículos especializados.

SOBRE A LUTA AMBIENTAL EM PIRAJU: ONG TEYQUE’-PE’

Com uma população de cerca de trinta mil habitantes, a Estância Turística de Piraju é banhada pelo Rio Paranapanema e possui potencial significativo de produção hidroelétrica. Essa questão permeia os interesses políticos e econômicos no discurso em prol do “progresso”. Em contrapartida, como um hábito da cultura local, a preservação é tomada como bandeira pelos pirajuenses, cujo rio mantém as tradições do povo e, por conseguinte, a natureza abundante da região. Sendo assim, a pauta ambiental no município contempla um conjunto de outros fatores, como a Ciência, a História, a Economia, a Comunicação, o Turismo, o Lazer etc. Nesse contexto, a antropologia merece destaque com o trabalho desenvolvido pelo MAE-USP, que mantém o Museu de Arqueologia Ambiental Mario Neme, na Casa da USP em Piraju.

A ONG Teyque’-Pe’ atua desde 2001 na defesa do meio ambiente e do patrimônio histórico da região. Suas atividades são constantes, com destaque para as campanhas de conscientização e educação ambiental, resgate da memória local, divulgação científica e apporte para a transparência no processo de governança.

Seus agentes são, em sua maioria, ativistas ambientais e culturais que atuam, permanentemente, para evitar abusos do sistema público e privado, realizando ações conjuntas de educação ambiental e para a manutenção da memória local. Assim, são realizadas atividades em espaços públicos da cidade e em ambientes virtuais. Trabalhos recentes, como o projeto Pôlen, tem como objetivo sensibilizar os moradores locais e os turistas sobre a pauta dos insetos polinizadores nativos. O site *Chega de Usina em Piraju*⁸ divulga as principais informações sobre o trabalho da ONG, como a campanha Eu Sou do Rio de Piraju, em homenagem a 27 de agosto, Dia do Rio Paranapanema (Lei Estadual 10.488/99), e o documentário *20 Anos da Teyque’-Pe’*, com produção da própria ONG em 2022 (Teyque’-Pe’, 2023), entre outros.

Um dos objetivos dessas ações é manter as pessoas (de dentro e de fora do município) em constante “estado de alerta” para com os acontecimentos locais. A conversa é quente, ou seja, fomentada por questões que envolvem o Rio Paranapanema e, por conseguinte, a usina hidroelétrica, a prefeitura local, o Ribeirão Boa Vista, entre diversos assuntos em torno do ecossistema local.

Diante dessa luta, observa-se a manutenção de alguns hábitos e costumes de quem vive em uma cidade pequena. Quando se está in loco, é notável o esforço de alguns ativistas ligados à ONG para colocar os pirajunenses, inclusive os que moram em outra cidade, a par da pauta ambiental local. É um estilo de comunicação cidadã voltado ao diálogo e à conscientização.

ENGAJAMENTO, MEMÓRIA E CONSCIENTIZAÇÃO

A luta ambiental no município já não é de hoje, como analisado na tese *Pós-Modernidade e Risco na Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema: Uma análise da construção social da subpolítica ambiental no município de Piraju (SP)*, defendida pelo professor Cerveira Filho, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, em 2007. Essa pesquisa aponta que a energia no Brasil vem praticamente toda da indústria hidrelétrica, responsável por danos ambientais. Atualmente, evidenciados os impactos gerados por esse modelo, a população passou a se posicionar de forma mais crítica

diante da construção das usinas hidrelétricas e, consequentemente, dos posteriores danos gerados por sua implantação, tanto ambientais quanto sociais no ambiente atingido pela influência da barragem. Assim, mecanismos foram acionados dentro da esfera social no sentido de barrar os estragos gerados pela indústria hidrelétrica, mecanismos estes que abrangem inclusive a esfera jurídica. Esta última, embora não garanta que as atividades que degradam o meio ambiente sejam totalmente barradas, criam a possibilidade “para o desenvolvimento e a legitimação de novos padrões morais de sociabilidade” (Cerveira Filho, 2007, p. 8). É nesse contexto de atuação local que se percebe as consequências que essa matriz energética pode gerar. O pesquisador buscou compreender, em seu estudo, quais foram as motivações encontradas pela população do município de Piraju (SP) para atuar na elaboração e na aprovação de medidas que restringissem as atividades hidrelétricas. Seu estudo partiu da tentativa de compreensão do processo de construção social desse marco reflexivo e como esse processo pode corroborar algumas teorias sociais contemporâneas (Cerveira Filho, 2007, p. 8).

Em sua tese, Cerveira Filho, hoje professor na UFPR, destaca a atuação dos ativistas ambientais, ou *verdes*, como denominou na época. Durante todo o processo de se contrapor à construção da usina, os *verdes* aprenderam a se posicionar diante da questão ambiental no âmbito das transformações institucionais a partir dos anos 1990, o que abrangeu, por exemplo, passeatas ecológicas às premissas socioambientais legais. Cerveira Filho analisa que o poder do setor hidrelétrico em Piraju perde força a partir de enfrentamento feito por esse grupo, especialmente através do que ele chama de questionamentos pós-modernos realizados pelos *verdes*, responsáveis, também, pela “desconstrução” do desenvolvimento no campo da hidroeletricidade (hidrotécnico), acompanhado da construção social de uma hidro-política a partir da esfera local” (Cerveira Filho, 2007, p. 239).

A utilização do termo *verdes* é explicada pelo professor Cerveira Filho, que também observa algumas diferenças entre a atual geração de ativistas ambientais e o grupo da época de sua pesquisa. Embora assumissem a denominação *verdes*, isso em nada os ligava diretamente ao ativismo ambiental. O pesquisador aponta que a mudança entre os ativistas antigos e os novos foi mais no formato institucional, possibilitando a abertura de “espaços de diálogos via legislação”, assim podendo inferir que o ativismo da atualidade é tributário das lutas do passado, o que o transforma em “mais do escritório e do projeto, e a antiga é mais da rua e do enfrentamento” (Cerveira Filho, 2023).

Os comentários de Cerveira Filho traduzem as preocupações da jornalista Naomi Corcovia quanto

ao seu papel como comunicadora e ativista ambiental e cultural, assim como diante das ações permanentes e de formação dos futuros colaboradores da ONG. De acordo com ela, há uma sobrecarga de trabalho, apontando para a necessidade de novos colaboradores, especialmente comunicadores, que possibilitem que seu papel tenha uma forma mais assertiva. Há uma falta de uma equipe de comunicação que produza conteúdo de qualidade para as redes sociais e para atender a imprensa, considerando que Piraju é uma das únicas cidades da região com uma ONG que atua há praticamente há 22 anos. Por serem voluntários não remunerados, os que chegam à organização acabam não assumindo uma postura mais atuante dentro do quadro de colaboradores. Falta pessoal inclusive para dividir com ela atividades de palestrante em escolas e eventos, não se inteirando também dos assuntos específicos com os quais a ONG trabalha, como resíduos sólidos, preservação do rio, entre outros. A jornalista gostaria de ver mais comunicadores e ativistas nos quadros da Teyque'-Pe', desejando que no futuro haja uma “equipe profissional de voluntários ou funcionários dedicados sem que os envolvidos sintam sobrecarga ou que tenham que fazer mil malabarismos para dar conta das coisas da ONG” (Entrevista com Naomi Corcovia, 2023).

Entre os envolvidos com a causa ambiental de Piraju através da Teyque'-Pe' está o poeta e produtor musical Carlos Alberto Muzille, que revela detalhes do ativismo ambiental em Piraju por meio da história da ONG, ou seja, de uma trajetória cheia de percalços, mas ativa, presente e consolidada na lembrança de seus membros e, por conseguinte, da própria população. Para ele, que define seu papel na ONG é ser um “Guardador de Memórias”. Desde o final dos anos 1970 existe um movimento ativista na região, quando uma empresa de nome Braskraft elaborou um projeto para a implantação de uma grande usina de processamento de celulose às margens do Paranapanema, próxima à cidade de Angatuba. A população se engajou contra essa empresa, que poluiria com seus dejetos o rio, movimentando assim os locais, os ativistas ambientais, e até as prefeituras de Avaré e de Piraju, conseguindo por fim barrar o projeto. Esse movimento, segundo ele, serviu de base para o despertar da consciência de uma boa parte da população sobre o quanto importante é o rio para a cidade e em suas vidas, como um patrimônio histórico, cultural e turístico. Já no final da década de 1990, outra ameaça ao rio mobilizou a população: a construção de um desvio da calha para a instalação de uma nova usina entre as já existentes Jurumirim e Paranapanema, fazendo assim por fim nascer a Teyque'-Pe'. Outras lutas, como a não instalação da usina Piraju/CBA e pela preservação das corredeiras do Salto Simão não foram bem-sucedidas, porém serviram para mobilizar a população contra novos projetos que visam a

instalação de nova usina abaixo da Usina Hidrelétrica Paranapanema. A ONG permanece ativa ainda hoje, elaborando novos projetos e ações educativas, como “projetos de compostagem de resíduos orgânicos, ‘Projeto Feira Limpa’ e preservação das abelhas sem ferrão e o ‘Projeto Pôlen’” (Entrevista com C.A. Muzille, 2023). Ele finaliza afirmando que a “água é o nosso tesouro e pelo menos uma parte dos lucros precisam retornar ao nosso município” (Entrevista com C.A. Muzille, 2023).

O professor, poeta, músico e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Paulo Henrique da Silva, conhecido como Paulo Viggú, analisa o ativismo ambiental e cultural como uma ação permanente, em que a tecnologia e a cidadania perpassam o processo de educomunicação. Para Silva, o ativismo se dá no decorrer do cotidiano, com o papel de cada um na sociedade em prol do bem comum e da cidadania social, como a que propõe Gadotti & Moacir (2010). Nesse sentido, a missão do ativismo ambiental e cultural se adere à educomunicação, em que o aprendiz atua também como protagonista e lutar pelo meio ambiente significa ser agente de sua história, principalmente ao zelar pelo seu entorno. O papel da escola na formação do indivíduo consciente e ativista é fundamental, pois a “abundância da paisagem local e a ausência de diálogo entre o poder público e a comunidade são questões insistentes que pautam o ativismo habilitado nessa localidade” (Entrevista com P.H. Silva, 2023). Salienta, ainda, que o “papel do ativista [...] está atrelado à cidadania visando revelar o compromisso que deve ter como agente no ambiente em que atua” (Entrevista com P.H. Silva, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na maioria das vezes, quando nos referimos à divulgação científica, utilizamos a palavra *traduzir*, ou seja, caberia ao divulgador, seja ele jornalista ou não, *traduzir* o conhecimento. Isso ocorre porque o termo divulgação está associado à vulgarização (no sentido de difundir, popularizar, propagar, tornar mais conhecido), este que, em sua origem, tinha a ideia de *pegar* o discurso fechado e técnico do mundo dos cientistas, *traduzindo-o* em algo mais fácil para o leigo.

Basicamente é a ideia de que o conhecimento científico ocorre de maneira vertical: do especialista que domina o saber para o leigo que desconhece as *maravilhas* da ciência. No entanto, é importante ressaltar que o conhecimento leigo também pode ser considerado para a compreensão pública da ciência. Lewenstein e Brossard, no artigo *Uma Avaliação Crítica dos Modelos de Compreensão Pública da Ciência: Usando a prática para informar a teoria* (2021), explicam que o conheci-

mento leigo é aquele baseado em práticas da vida cotidiana das comunidades, como os saberes locais ligados às práticas agrícolas e conhecimentos históricos, que devem ser respeitados enquanto um conhecimento e uma expertise que são adquiridos geração após geração. Por isso, a importância da divulgação científica de qualidade, desenvolvida como uma ponte, um elo entre o emissor e o receptor, mas não de forma impositiva, pensando apenas em *traduzir*, mas sim agrupando esses diferentes saberes.

Nascimento, inclusive, chama a atenção para a necessidade dos jornalistas assumirem uma postura mais crítica quando produzem textos de divulgação científica. A autora defende que “não basta tornar inteligível determinados conceitos científicos, seja pelo uso de analogias e metáforas, seja pelo emprego de uma linguagem mais atrativa aos leitores” (2008, p. 3). Além disso, a divulgação científica é estar atento à forma como essa mediação ocorre, pois pode haver ruídos na interação com o público que comprometem a qualidade da informação. É fundamental pensar o tempo todo na precisão da informação e no alcance que o tema pode ter. Afinal, é cada vez mais necessário furar a bolha e chegar até as pessoas que não têm o costume ou não estão tão familiarizadas com a ciência, ainda mais em um mundo em que o negacionismo e a desinformação científica só vêm crescendo.

A inclusão da cultura como elemento intrínseco ao ativismo ambiental (e cultural) determina uma condição fundamental aos pilares da ONG Teyque’-Pe’ conforme os depoimentos extraídos de três de seus membros e do pesquisador Cerveira Filho: o engajamento, a memória e a conscientização são fundamentais para a manutenção do trabalho dessa instituição em defesa da cidadania na Estância Turística de Piraju. Destacamos, ainda, o depoimento do ativista Silva, quando se observa a ideia que envolve o conceito de *Bem Viver*, conforme propõe Alberto Acosta em contraposição ao mundo onde prevalece o “mal viver”. Para Acosta, o *Bem Viver* supõe uma harmonia entre a natureza, indivíduos e comunidades, movimento que carrega experiências de vida e de resistência, livre de preconceitos e envolto em uma proposta em construção, o que possibilita propor alternativas para analisar, ver e estar no mundo. Nesse sentido, reflete-se sobre o mundo em que vivemos, o modo de produção em que estamos inseridos e toda a forma de desenvolvimento e consumo que pressupõe a sociedade capitalista. O *Bem Viver* é uma proposta que, sem negar o saber ancestral, proporciona um caminho para refletir sobre as questões

que se colocam na atualidade, como a mudança climática, a violência e a marginalização das pessoas (Acosta, 2006, pp. 2-3).

Os valores dos comunicadores ligados à ONG Teyque’-Pe’ estão alicerçados na tradição dos encontros, nos movimentos de *rua* e *enfrentamentos*, e se fortalecem ainda mais com as transformações advindas de ações da nova geração que, por meio do *escritório* e dos *projetos*, somam alternativas para a divulgação da pauta ambiental, seja por meio das tecnologias ou, simplesmente, por conversas ao pé do ouvido. Já a cobertura do tema pelo *Jornal da USP* se alicerça nos princípios e nas técnicas fundamentais do sistema de produção jornalística, ou seja, mantém atributos básicos como: difusão coletiva, compromisso com o interesse público e ética, entre outros (Bueno, 2007).

Na atualidade, observa-se um acúmulo de espaços informativos onde circula o conceito de pauta ambiental, seja para justificar politicamente as ações governamentais em torno do tema, seja para divulgar políticas públicas para o meio ambiente. Assim, a pauta ambiental extrapola o meio jornalístico, pelo menos o tradicional, abrangendo a mídia alternativa, as ONGs e outras áreas do conhecimento além do Jornalismo (Biologia, Economia, Ciências Sociais e Ambientais, entre outras), proporcionando um alcance maior do assunto para uma camada mais ampla da população.

Em termos de contribuição, este artigo destaca que, mesmo seguindo parâmetros diferenciados em suas áreas de atuação, a ONG Teyque’-Pe’ e o *Jornal da USP* contribuem fortemente para trazer visibilidade à pauta ambiental, comportando-se como uma constante no processo de produção de notícias e/ou de atividades de ensino, pesquisa, cultura e extensão. Observa-se que, no caso do *Jornal da USP*, a pauta ambiental está espalhada em diversas editorias, sendo que, na ONG Teyque’-Pe’, ela é a chave para o seu ativismo. A luta dessas duas instituições (e de seus atores), à qual nos referiremos nesta pesquisa, é a de oferecer ao público uma informação clara ao utilizar a divulgação científica como base para um processo de emancipação, assim como propôs o professor Dennis de Oliveira (2017).

Data de submissão: 8 de junho de 2023.

Data de aceite: 24 de julho de 2024.

NOTAS

¹ O termo *cultura científica* pode ser definido como uma forma de cultura, ou um modo de vida, tal como definiam cultura os antropólogos, tal que a relação entre natureza e cultura se vê continuamente alterada pela dinâmica do conhecimento científico, pelas tecnologias e pela inovação, produzindo um novo conceito misto de cultura e natureza na dimensão do conhecimento de ciência e de cultura (Vogt, 2018).

² <https://jornal.usp.br/>

³ As entrevistas com a equipe do veículo ocorreram entre 2020 e 2022, pois o *Jornal da USP* faz parte do corpus da pesquisa de doutorado de um dos autores desse artigo sobre a produção do jornalismo científico em universidades públicas brasileiras.

⁴ Um ponto a ser ressaltado no levantamento da cobertura ambiental pelo veículo foi a participação no workshop *Jornal da USP – Jornalismo em ambientes universitários* realizado em 21 de outubro de 2021. Nele foi possível compreender a estrutura e dinâmica do jornal.

⁵ Segundo o G1, portal de notícias do Grupo Globo, durante o período pandêmico, diversos meios comunicativos se uniram para divulgar dados diários sobre a pandemia, numa alternativa para fazer frente ao negacionismo e inanição do governo federal (2019-2022) diante do alastramento da Covid-19.

⁶ O papel do jornalista ambiental deve cobrir as seguintes condições: apresentar uma visão sistêmica dos fatos; reconhecer a complexidade dos fatos ambientais que não podem ser reduzidos a formatos simplistas; contemplar a diversidade dos saberes e não ficar refém das fontes oficiais; defender a biodiversidade e a vida

em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir o papel educativo, cidadão e transformador (Tourinho Girardi et al, 2013).

⁷ A discussão sobre a pauta ambiental focaliza, primeiramente, as questões mais propriamente técnicas, ou seja, o *como fazer* a produção jornalística em si: é uma orientação para os repórteres de como suas reportagens serão realizadas, que fontes procurar para levar ao público as informações mais relevantes sobre determinado assunto, cobrindo a maior área possível sobre ele, sem deixar lacunas. É um tipo de roteiro onde se encontram os tópicos que devem ser abordados durante a concretização da reportagem. Segundo Bueno (2004 e 2007), a pauta ambiental é comprometida com uma visão de que algo precisa ser feito, que há problemas a serem resolvidos e há interesse em jogo, ou seja, para além do passo a passo da pauta, é preciso ter uma visão ampla sobre as fontes consultadas e qual seu grau de comprometimento com setores que não estão envolvidos com interesses ambientais. Para o autor, a pauta ambiental na atualidade tem se fundido com a ideia de agenda ambiental, que pode extrapolar o jornalismo, como políticas públicas para o meio ambiente, por exemplo. Para além de um roteiro, orientação ou guia para os repórteres, a pauta ambiental está muito mais ligada às intenções e objetivos – ou agenda – internacional global, que inclui diversos objetivos acordados internacionalmente, abrangendo diversos desafios sociais e ecológicos (mudança climática, conservação da biodiversidade, cooperação econômica, migração e, mais recentemente, resposta a pandemias) (Balbi, 2020).

⁸ <http://www.cheadeusina.com.br/>

REFERÊNCIAS

- Acosta, A. (2006). *O Bem Viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária.
- Balbi, S. et al. (2022). The Global Environmental Agenda Urgently Needs a Semantic Web of Knowledge. *Environmental Evidence*, 11(5).
- Bernal, C. A. (2010). *Metodología de la investigación* (3rd ed.). Bogotá: Pearson Educación.
- Blasques, M. (2020). *Jornal da USP* (C. de Oliveira Tôzo, Entrevistadora).
- Bueno, W. C. (2004). Jornalismo Científico, Ciência e Cidadania. Em: Morais de Souza, C. (Org.). *Comunicação, Ciência e Sociedade: Diálogos de fronteira*. Taubaté: Cabral Editora, Livraria Universitária.
- Bueno, W. C. (2022). *Jornalismo Científico: teoria, prática e pesquisa*. São Paulo: Jorcom/Contexto Comunicação e Pesquisa.
- Bueno, W. C. (2007). Jornalismo Ambiental: Explorando além do conceito. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 15, 33-44.
- Bueno, W. C. (2009). *Jornalismo Científico no Brasil: Os desafios de uma longa trajetória*. Em: Porto, C. M. (Org.). *Difusão e Cultura Científica: Alguns recortes*. Salvador: EDUFBA.
- Bueno, W. C. (2010). Comunicação Científica e Divulgação Científica: Aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, 15(1), 1-12.
- Bueno, W. C. (2014). A Divulgação da Produção Científica no Brasil: A visibilidade da pesquisa nos portais das universidades brasileiras. *Ação Midiática: Estudos em comunicação, Sociedade e Cultura*, 1.
- Burkett, W. (1990). *Jornalismo Científico: Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Caires, L. (2020). *Jornal da USP e a editoria de Ciências* (C. de Oliveira Tôzo, Entrevistadora).
- Calvo Hernando, M. (1998). La Difusión del Conocimiento al Público: Cuestiones y perspectivas. *Revista Comunicação & Sociedade*, 29.
- Escobar, H. (2018). *Divulgação Científica: faça agora ou cale-se para sempre*. In: Vogt, C.;
- Fernandes, J. L. (2007). *Pós-Modernidade e Risco na Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema: Uma análise da construção social da subpolítica ambiental no município de Piraju (SP)* [Tese de Doutorado: Universidade Federal de São Carlos]. São Carlos.
- G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL. (2020, 8 de junho). *Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19*. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 29 de março de 2024.
- Gadotti, M. (2010). *Escola Cidadã*. São Paulo; Cortez.
- Gomes, M. e Muniz, R. *ComCiência e divulgação científica* (Orgs.). Campinas: BCCL/ UNICAMP.
- Escobar, H. (2022, 16 de dezembro). *Recheados de “carbono azul”, manguezais ganham destaque no combate às mudanças climáticas*. Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/recheados-de-carbono-azul-manguezais-ganham-destaque-no-combate-as-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 29 de março de 2024.
- Kovach, B. e Rosenstiel, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo; Geração.
- Krohling Kunsch, M. M. (1992). *Universidade e Comunicação na Edificação da Sociedade*. São Paulo; Loyola.
- Lewenstein, B. V. e Brossard, D. (2010). *A Critical Appraisal of Models of Public Understanding of Science: Using practice to inform theory*. In: Kahlor, L. A. e Stout, P. (Orgs.). *Communicating Science: New agendas in communication*. Routledge: Nova Iorque/Londres.
- Oliveira, D. de (2017). *Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire*. Curitiba: Appris.
- Pivetta, M. (2020, 9 de junho). Desmatamento na Amazônia cresceu 34% em 2019. Pesquisa FAPESP. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/desmatamento-na-amazonia-cresceu-34-em-2019/>. Acesso em: 29 de março de 2024.
- Teyque'-Pe' [@OATPIRAJU] (2023). *Documentário 20 Anos de Teyque'-Pe'* [Vídeo]. Streaming Service. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xNhFp9LohcA>. Acesso em: 29 de março de 2024.
- Thiollent, M. (1986). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo; Cortez.
- Tourinho Girardi, I. M.; Beling Loose, E. e Camana, A. (2013). *A pesquisa em Jornalismo ambiental na região Sul do Brasil*. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, 11, Brasília.
- Tourinho Girardi, I. M.; Beling Loose, E. e Camana, A. (2015). Panorama da pesquisa ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. *Intertexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 362-384, set./dez.
- Vogt, C.; Gomes, M. e Muniz, R. (2018). *ComCiência e divulgação científica* (Orgs.). Campinas: BCCL/ UNICAMP.
- Whiteman Muniz, R. (2018, 4 de abril). A Universidade Calada. Dossiê Divulgação Científica 2018. *ComCiência*. Disponível em: <https://www.comciencia.br/a-universidade-calada/>. Acesso em 30 de abril de 2024.



RESUMEN | RESUMO | ABSTRACT | RÉSUMÉ

Divulgação Científica em Prol da Luta Ambiental no Brasil: Um paralelo entre o Jornal da USP e a ONG Teyque’-Pe’ em Piraju (São Paulo)

Divulgación Científica en Pro de la Lucha Ambiental en Brasil: Un paralelo entre el Jornal da USP y la ONG Teyque’-Pe’ en Piraju (São Paulo)

Scientific Dissemination in Support of the Environmental Struggle in Brazil: A parallel between the USP Journal and the ONG Teyque’-Pe’ in Piraju (São Paulo)

La communication scientifique au service de la lutte environnementale au Brésil : un parallèle entre le Jornal da USP et l’ONG Teyque’-Pe’ à Piraju (São Paulo)

Pt. Este artigo analisa o papel do jornalismo científico na divulgação de pautas ambientais e a importância do jornalista como um comunicador científico. A proposta central é discutir a necessidade de levar informações acessíveis e confiáveis ao público leigo, despertando o interesse por temas muitas vezes distantes da realidade cotidiana, em um país com pouca tradição em cultura científica, como o Brasil. O estudo faz um paralelo entre duas abordagens de divulgação científica: o Jornal da USP e a ONG Teyque’-Pe’, localizada na Estância Turística de Piraju, no Estado de São Paulo. O Jornal da USP, veículo jornalístico de aproximação acadêmica da Universidade de São Paulo, cumpre a função de traduzir para o público não especializado os resultados de pesquisas e trabalhos realizados pela universidade paulistana, especialmente em áreas de ciência e tecnologia, enquanto a ONG Teyque’-Pe’ adota uma postura mais ativista na sua divulgação, promovendo a conscientização ambiental por meio de campanhas e atividades educacionais. A ONG busca engajar diretamente a comunidade local na preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico da região, atuando fora dos canais tradicionais da mídia. O artigo destaca também a crescente independência dos cientistas em comunica-se diretamente com a sociedade, utilizando plataformas como redes sociais e blogs, sem a intermediação exclusiva da imprensa. As duas instituições estudadas, apesar de suas diferenças, contribuem de maneira significativa para a ampliação do debate ambiental e para o processo de emancipação social, utilizando a divulgação científica como ferramenta. O artigo conclui que, tanto pela imprensa acadêmica quanto pelo ativismo, a divulgação científica é essencial para educar e engajar o público em questões ambientais, oferecendo uma ponte entre o conhecimento especializado e o cidadão comum, o que favorece a luta pela preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Divulgação Científica, Jornalismo Ambiental, Jornal da USP, ONG Teyque’-Pe’, Engajamento Comunitário.

E S. Este artículo analiza el papel del periodismo científico en la divulgación de temas ambientales y la importancia del periodista como comunicador científico. La propuesta central es discutir la necesidad de brindar información accesible y fiable al público no especializado, despertando el interés por temas muchas veces alejados de la realidad cotidiana en un país con poca tradición en cultura científica como Brasil. El estudio establece un paralelo entre dos enfoques de divulgación científica: el Jornal da USP y la ONG Teyque’-Pe’, ubicada en la localidad turística de Piraju, en el Estado de São Paulo. El Jornal da USP, medio periodístico de acercamiento académico de la Universidad de São Paulo, cumple la función de llevar al público no especializado los resultados de las investigaciones y trabajos realizados por dicha universidad, especialmente en las áreas de ciencia y tecnología, mientras que la ONG Teyque’-Pe’ adopta una postura más activista en su divulgación, promoviendo la concienciación ambiental a través de campañas y actividades educativas. La ONG busca involucrar directamente a la comunidad local en la preservación del medio ambiente y del patrimonio histórico de la región, actuando al margen de los canales tradicionales de los medios de comunicación. El artículo destaca también la creciente independencia de los científicos para comunicarse directamente con la sociedad, utilizando plataformas como redes sociales y blogs, sin la intermediación exclusiva de la prensa. Las dos instituciones estudiadas, a pesar de sus diferencias, contribuyen de manera significativa a la ampliación del debate ambiental y al proceso de emancipación social, utilizando la divulgación

científica como herramienta. El artículo concluye que, tanto a través de la prensa académica como del activismo, la divulgación científica es esencial para educar e implicar al público en cuestiones ambientales, ofreciendo un puente entre el conocimiento especializado y el ciudadano común, lo que favorece la lucha por la preservación del medio ambiente.

Palabras clave: divulgación científica, periodismo ambiental, Jornal da USP, ONG Teyque'-Pe', implicación comunitaria.

En. This article analyzes scientific journalism, its role in disseminating environmental issues, and the importance of journalists as communicators of science. The main proposal here is to discuss the need to provide the public with accessible and reliable information and to generate interest in topics that are often detached from everyday reality in a country such as Brazil that does not have a deep-rooted tradition in scientific culture. This study draws a parallel between two different approaches to scientific dissemination: the USP journal and the NGO Teyque'-Pe', located in the tourist resort of Piraju, in the state of São Paulo. The USP Journal, a news vehicle for academic outreach at the University of São Paulo, publishes the results of research and work carried out by the São Paulo university, especially in the areas of science and technology, to a non-specialist public, while the NGO Teyque'-Pe' adopts a more activist stance by promoting environmental awareness through campaigns and educational activities. This NGO focuses on directly encouraging the local community to preserve the environment and historical heritage of the region without using traditional media channels. This article also highlights the growing independence among scientists to communicate directly with society using platforms such as social networks and blogs, without any exclusive media intermediaries. Despite their differences, the two institutions in this study contribute significantly to promoting environmental debate and social emancipation, using scientific dissemination as a tool to do so. This article concludes that, both through the academic press and activism, scientific dissemination is essential in order to educate and engage the public in environmental issues, bridging the gap between specialized knowledge and the average citizen, which favors the fight for environmental preservation.

Key Words: Scientific Dissemination, Environmental Journalism, USP Journal, NGO Teyque'-Pe', Community Engagement.

Fr. Cet article s'intéresse au rôle du journalisme scientifique dans la diffusion de sujets environnementaux et à l'importance du journaliste en tant que communicateur scientifique. Le cœur de la discussion porte sur la nécessité de fournir des informations accessibles et fiables au grand public, afin d'éveiller son intérêt pour des sujets souvent très éloignés de son quotidien, dans un pays comme le Brésil où la culture scientifique est peu développée. Nous établissons un parallèle entre deux approches de communication scientifique : celles du Jornal da USP et de l'ONG Teyque'-Pe', située dans la municipalité touristique de Piraju, dans l'État de São Paulo. Le Jornal da USP, un support journalistique lié à la communauté académique de l'université de São Paulo, traduit à destination d'un public non spécialisé les résultats des recherches et travaux menés au sein de cette université, notamment dans les domaines des sciences et technologies, tandis que l'ONG Teyque'-Pe' adopte une posture plus militante dans sa communication, en sensibilisant à l'environnement par le biais de campagnes et d'activités éducatives. Cette ONG cherche ainsi à engager directement la communauté locale dans la préservation de l'environnement et du patrimoine historique de la région, par une action menée hors des canaux médiatiques traditionnels. Notre étude pointe aussi l'indépendance croissante des scientifiques, qui communiquent directement avec la société au travers de plateformes comme les réseaux sociaux et les blogs, sans avoir exclusivement recours à l'intermédiation de la presse. Au-delà de leurs différences, les deux institutions étudiées contribuent de manière significative à l'élargissement du débat sur l'environnement et au processus d'émancipation sociale, en se servant de la communication scientifique comme outil. Nous en concluons que la communication scientifique, que ce soit par le biais de la presse académique ou par celui de l'activisme, est essentielle pour l'éducation et l'engagement du public vis-à-vis des enjeux environnementaux. En jetant un pont entre le savoir spécialisé et les citoyens ordinaires, elle favorise la lutte pour la préservation de l'environnement.

Mots-clés : Communication scientifique, Journalisme environnemental, ONG Teyque'-Pe', Engagement communautaire.